

A presentificação dos mitos antigos no neopaganismo: a Natureza-Divina em A Dança Cósmica das Feiticeiras, de Starhawk

Daniel Lula Costa¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v17i48.70438>

Resumo: O neopaganismo é um fenômeno religioso que tem crescido no mundo após a década de 1970. No Brasil, essa religião chegou na década de 1980 e tem se expandido desde então, principalmente por meio da relação mitológica entre natureza divina e seres humanos. A valorização da natureza enquanto divina, o uso do passado antigo e o crescente sentimento de pertencer a uma religião que valoriza e confere representatividade ao feminino foram alguns dos elementos principais para o crescimento do número de adeptos. Nesse sentido, é a relação entre a natureza divina e a mitologia antiga que nos interessa particularmente. Nosso objetivo neste artigo, portanto, é analisar como a natureza é compreendida enquanto divina por meio das presentificações de passado mitológico alegorizadas no discurso de Starhawk em sua obra A dança cósmica das feiticeiras.

Palavras-Chaves: neopaganismo; natureza; mitologia; Starhawk.

The presentification of ancient myths in neopaganism: the Divine-Nature in the Spiral Dance, by Starhawk

Abstract: Neopaganism is a religion phenomenon that has grown in the world after the 1970s. In Brazil, this religion arrived in the 1980s and has expanded since then, mainly through the mythological relationship between divine nature and human beings. The belief of nature as divine and the growing feeling of belonging to a religion that values and gives representation to the female were some of the main elements for the great number of followers. This connection between the divine nature and ancient mythology

¹ Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com período de doutorado sanduíche na Università di Bologna. Professor do Departamento de História da UEM. Integrante e pesquisador dos seguintes grupos de pesquisa: HCIR-UEM (Grupo de Pesquisa

that interests this article. Our aim is to analyze how nature is understood as divine through the presentifications of the mythological past allegorized in Starhawk's work, The spiral dance.

Key Words: neopaganism; nature; mythology; Starhawk.

La presentificación de los antiguos mitos en el neopaganismo: la Naturaleza-Divina en La danza en espiral, por Starhawk

Resumen: El neopaganismo es un fenómeno religioso que ha crecido en el mundo después de la década de 1970. En Brasil, esta religión llegó en la década de 1980 y se ha expandido desde entonces, principalmente a través de la relación mitológica entre la naturaleza divina y los seres humanos. La creencia en la naturaleza como divina y el creciente sentimiento de pertenencia a una religión que valora y representa a la mujer fueron algunos de los principales elementos para el gran número de seguidores. Esta conexión entre la naturaleza divina y la mitología antigua es lo que interesa este artículo. Nuestro objetivo es analizar cómo se entiende la naturaleza como divina a través de las presentificaciones del pasado mitológico alegorizadas en la obra de Starhawk, La danza en espiral.

Palabras clave: neopaganismo; naturaleza; mitología; Starhawk.

Recebido em 20/11/2023 - Aprovado em 31/12/2023

Introdução

Neopaganismo é uma denominação utilizada pelos adeptos e estudiosos para se referir a um fenômeno religioso que surgiu, com cargas mais bem estabelecidas, a partir da metade do século XX. Esse fenômeno promove uma espiritualidade que se identifica com a relação entre ser humano e natureza advindas das sociedades antigas, principalmente por meio de seus mitos. Nesse cenário, um dos objetivos do neopaganismo é dimensionar a ideia de que a bruxaria é uma das religiões mais antigas que sobrevivera diante de muitas violências e preconceitos de sociedades patriarcais. Esse argumento presente nas narrativas de Gerard Gardner e Margaret Murray, de que a bruxaria seria um fenômeno das sociedades antigas, exclui a ideia de que a bruxaria e o termo bruxo são fenômenos do final da Idade Média, mais precisamente do século XV, quando a feitiçaria passaria a ser vista como bruxaria, “a transformação foi, em grande medida, fruto da ação do pensamento cristão sobre a sociedade e religiões pagãs”

em História das Crenças e das Ideias Religiosas) e Meridianum-UFSC (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais).

(RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 53). É possível verificar que a magia era utilizada anteriormente, mas não como postulado pelo significado do conceito de bruxaria (LANGER; CAMPOS, 2007).

Ainda no neopaganismo, a natureza é compreendida enquanto entidade sagrada e suas identificações são realizadas pela inspiração em religiões antigas advindas das mitologias gregas, romanas, celtas, nórdicas dentre outras. Sua terminologia provém do termo *paganus*, que significa “algo que advém do campo”. O termo passou por ressignificações ao longo dos anos e foi apropriado pelo cristianismo com o sentido de identificar aquele que não é cristão.

Além disso, ainda é comum os cristãos afirmarem que a prática do batismo é um rito de passagem que torna a pessoa cristã, não sendo mais pagã. Assim sendo, o cristianismo adotou o batismo como rito de purificação do nascido para abandonar o paganismo. Essa prática é comum e denota um sentido de “não civilizado” ao recém-nascido, visto como um ser que nasce pagão com a marca do pecado original, ou seja, não cristão e “não civilizado”. Essa consideração existia na Idade Média Ocidental, quando o Diabo começou a ser representado nu ou com vestes de folhas ou palhas que cobrem as genitálias, demonstrando sua expulsão do Paraíso e seu aspecto físico que caracteriza o não pertencimento à sociedade, por isso é apresentado desnudo (LINK, 1998).

Doravante, o termo pagão passou a ser adotado com a ligação do prefixo “neo” para caracterizar as religiões neopagãs, ou seja, aquelas formadas a partir da década de 1960 que se identificam com o politeísmo, animismo, panteísmo, dentre outros. Essas religiões se dividem em eixos como a Àsatrú², o Neodruidismo³, Xamanismo⁴ e a Wicca (BEZERRA, 2015). Todas elas possuem um elemento em comum: a harmonização do ciclo da natureza e sua divindade com o ser humano. Bezerra (2015), que realizou sua pesquisa em torno da problemática do porquê as pessoas aderem à Wicca, afirma que a atração da religião pelos adeptos é realizada pelo culto à natureza e pelo uso da magia, os quais percebem a divindade enquanto natural e não como ser sobrenatural, que estaria além da natureza.

Dessa forma, reconhecemos que no universo do neopaganismo a natureza é a divindade e o ser humano é parte dela, portanto, divino. Isso posto, nosso objetivo é

² Àsatrú é uma religião neopagã que surge no paganismo germânico. Em 1971 a Irmandade Viking se transforma na Livre Assembleia Àsatru “em 1976. Àsatrú significa fé nos deuses: fé (troth) e deuses (aesir)” (BEZERRA, 2019, p. 175).

³ Ordem pagã que surgiu em 1964 por meio do membro e presidente da Antiga Ordem dos Druidas, Philip Ross Nichols (BEZERRA, 2019).

compreender como o discurso de Mirian Simons (Starhawk)⁵, “considerada a principal voz no desenvolvimento da Wicca pós-Gardner” (TERZETTI FILHO, 2016, p. 86), desenvolve em *A dança cósmica das feiticeiras*, essa relação entre a natureza divina e o ser humano, sendo, por meio do uso de mitologias antigas. Para tanto, essa proposta é realizada por meio dos conceitos de presentificação do passado (GUMBRECHT, 2010), de mitologia e de alegoria histórica (BENJAMIN, 1984).

Convém destacar que a distância entre o natural e o sobrenatural é um elemento comum na denominada *cultura de sentido*, terminologia usada por Gumbrecht (2010) para definir culturas que se distanciam do mundo por meio da criação de outro abstrato, construído pela atribuição de sentido dado às coisas do mundo e não diretamente relacionado a ele. O autor explica que a cultura de sentido é uma prática associada à metafísica científica, ou seja, à constante busca de compreender o mundo pelos instrumentos cartesianos da prática científica sem, necessariamente, experienciá-lo na relação conjunta entre ser humano e universo, mas como uma divisão entre sujeito e objeto a ser analisado. Esse conceito se refere ao mundo pós-revolução científica em que a associação das explicações remetidas pela ciência conferia um distanciamento do sujeito em relação ao mundo. Nesse contexto, para se observar e realizar experimentos era necessário visualizar o agente enquanto um objeto distante do sujeito que o analisa. Essa forma de pensar cartesiana fomentou o costume de se identificar o mundo como algo a ser visto e analisado, como se este fosse diferente dos seres humanos (GUMBRECHT, 2010).

No entanto, em oposição, a espiritualidade busca uma ligação entre a natureza e o ser humano e pode caracterizá-lo como um ser que precisa se sentir enquanto parte do mundo e não como alguém distante dele. Tal possibilidade, entretanto, não é verificável em toda manifestação da espiritualidade contemporânea. Atualmente, por exemplo, as religiões monoteístas normalmente aderem a uma relação de distanciamento da divindade e, conseqüentemente, da natureza, já que essa pode ser manipulada por forças demoníacas ou pelo diabo. Essa polaridade entre humanidade e natureza passa pela compreensão de algo sobrenatural, logo, distante do natural e que se direciona às práticas ritualísticas específicas. Conseqüentemente, deus estaria no Paraíso Celeste, um local que

⁴ Ordem pagã em que os aspectos principais de sua filosofia são: “a conceituação da natureza como um processo vivo e o papel da empatia pela cognição da natureza” (BEZERRA, 2019, pg. 132).

⁵ Importante salientar que Starhawk, ao lado de Diane Baker, foram fundadoras da Tradição Reclaiming (*Reclaiming Tradition Witchcraft*). Fundada nos Estados Unidos a partir de 1979, essa organização é marcada por um viés ecofeminista com a proposta de unir espiritualidade e transformação política em um momento no qual o mundo é ameaçado por uma guerra nuclear (SZTUTMAN, 2018). É possível consultar maiores informações em seu site: <https://reclaimingcollective.wordpress.com/> Acesso em: 18 dez. 2023.

não pode ser encontrado na Terra, ou seja, é necessário ter uma conduta específica durante a vida para conseguir se conectar com essa figura divina e ascender ao Paraíso na vida após a morte. Nesse sentido, a natureza é ainda um mecanismo de purgação, de ponderação e cuidado para que o fiel possa ter seu destino glorioso no pós-morte.

De outro modo, no neopaganismo, a relação entre natureza, divindade e a presentificação do mito pelo ritual se destina a uma confluência, a um choque de temporalidades que rememora o ser humano como parte do meio natural, sem distanciá-lo, ao encontrar meios que os aglutinem. Esse choque de temporalidades é a característica fundamental da alegoria histórica (BENJAMIN, 1984), isto é, daquele movimento de tempos que conflui para o presente e sintoniza experiências de temporalidades em seu instante, como se fosse uma constelação imbuída de impulsos que relampejam no “agora”. Por isso, “No mito, é possível perceber esse movimento de imagens disposto pela alegoria, a qual se insere pela presença do passado, dotado de intensa experiência humana de vivência com e no universo” (COSTA; ZDEBSKYI, 2017, p. 33).

Em *A dança cósmica das feiticeiras*, Starhawk (1993) elaborou uma introdução à edição de décimo aniversário de sua publicação. Nela, são descritos seus passos para escrever o livro e os desafios pelos quais passou para compreender o seu papel na religião da deusa. A autora narra como seus primeiros contatos com as “Bruxas de Wiccan”, suas dúvidas em relação ao contexto político da década de 1960 e suas tomadas de decisão fizeram com que ela se afastasse um pouco dos rituais apresentados pelas bruxas. Porém, em sua primeira experiência na “religião da Deusa”, já demonstrava interesse em suas práticas: “Para mim, parecia existir uma ligação natural entre um movimento para dar poder às mulheres e uma tradição baseada na Deusa.” (STARHAWK, 1993, p. 10).

A partir da década de 1970, sua ligação com o movimento feminista e com a religião da deusa a estimularam a seguir o ofício de escritora. Foi desse momento em diante que Starhawk iniciou o desenvolvimento de seus escritos, primeiro com obras de ficção e posteriormente com obras sobre a magia, a bruxaria e a espiritualidade da religião da deusa. Quando começou a dar aulas sobre rituais e habilidades no *coven*⁶ de Compost, nomeou a si mesma Starhawk, “star = estrela, hawk = falcão), que tirei do meu sonho sobre o falcão e da carta da estrela do tarô, a qual representa o *self* profundo” (STARHAWK, 1993, p. 11).

Assim, a obra utilizada como fonte de pesquisa para a realização deste trabalho foi escrita por Starhawk (1993) durante o seu período de atuação no *coven*, sendo finalizada em 1977, quando foi enviada para ser avaliada pelas editoras. Somente em 1979

⁶ Seu significado é “grupo”, normalmente o termo nomeia um grupo religioso específico que se encontra para realizar rituais da Wicca.

ela conseguiu sua publicação, vendendo mais de 100.000 exemplares e sendo traduzida para o alemão e dinamarquês, “Além de sua aliança com o feminismo, a ênfase dada pela bruxaria à natureza também repercutia com a preocupação crescente da cultura em geral em relação ao meio ambiente” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 220). A partir desse momento, a escritora passou a ser convidada para dar palestras e aulas em comunidades espalhadas pelo mundo, “Ela foi treinada na wicca gardneriana, iniciada na tradição Faery, de Victor Anderson, e teve contato com Budapeste” (BEZERRA, 2019, p. 153).

Budapeste fora uma das sacerdotisas que buscara ligar a religião da Wicca com o ativismo do movimento feminista. Ela uniu política feminista, as suas tradições pagãs e a bruxaria gardneriana para construir outra ideia sobre a Wicca, o que ela denominou como Bruxaria Diânica (RUSSELL; ALEXANDER, 2019). Starhawk também fizera algo parecido em *A dança cósmica das feiticeiras*, mas, diferentemente de Budapeste, demonstrara que a religião estava aberta ao público feminino para que elas fossem libertadas do patriarcado, ao público masculino para que se reeducasse e para pessoas com sexualidades e identidades de gênero diversas para que pudessem participar ativamente (RUSSELL; ALEXANDER, 2019).

Intitulada originalmente *The spiral dance: a rebirth of the ancient religions of the great goddess*⁷, a obra foi produzida durante a era Carter (1977-1981), nos Estados Unidos, antes dos anos de Reagan (1981-1989). Foi traduzida posteriormente para o português como *A dança cósmica das feiticeiras: guia de rituais à Grande Deusa*. Em sua introdução, publicada em 1989, a autora identifica seu trabalho como um livro político,

nosso compromisso com a Deusa levou-me, e a outros, em nossa comunidade, a participar de atos diretos não violentos para protestar contra o poder nuclear, para interferir na produção e testificação de armas nucleares, para se opor à interferência militar na América Central e para preservar o meio ambiente (STARHAWK, 1993, p. 13)

Sua preocupação com o meio ambiente, com a luta das mulheres por direitos iguais e por valorização social, contra a energia nuclear e a interferência militar se demonstrou estimulante para a escrita de suas obras e para uma projeção maior sobre o mundo, intensificando o discurso sobre o cuidado com a natureza e com a vida do planeta. Esses elementos cooperaram com a criatividade narrativa da obra analisada, que foi revisada pela autora no décimo aniversário de publicação.

⁷ Tradução integral: A dança em espiral: o renascimento das religiões antigas da Grande Deusa.

A composição do que a escritora denomina enquanto “religião da Deusa” remete à sensibilidade com o mundo e com os seres que nele habitam. A religião neopagã operacionalizada em sua obra elenca como elemento principal a virada para a natureza, algo que já existia de forma muito discreta e ponderada em obras anteriores, mas sem esse estímulo ocasionado pelo movimento da contracultura. Gerard Gardner (2019), por exemplo, retoma algumas ideias dos mitos antigos em sua obra *A bruxaria hoje*, publicada na década de 1950, a partir da qual demonstra maior preocupação com a construção e identificação de uma religião nacionalista, *genuinamente britânica* (HUTTON, 1999), e com limites e regras para a iniciação do que com o estímulo pelo cuidado com o planeta ou com ênfase na característica da natureza divina: “A premissa argumentativa inicial era a de que o culto das bruxas estava em vias de extinção, e que caberia a ele como antropólogo preservar a memória e as tradições desse culto ancestral” (TERZETTI FILHO, 2016, p. 26).

Na obra de Starhawk (1993) é possível perceber uma intensa valorização da natureza enquanto deusa imanente e não como parte representada da deusa. Essa narrativa possibilita enxergar a dimensão que a Wicca ou a Feitiçaria tomaria por meio de suas interpretações sobre a ecologia, a contracultura e o movimento feminista. A Natureza-Divina é essencial na narrativa da autora: “A junção na Wicca de crítica ao patriarcado, valorização da natureza e crítica ao cristianismo foi tão bem articulada que sua interpretação da Wicca redefiniu a caracterização da religião e tornou a autora a mais influente depois de Gardner” (TERZETTI FILHO, 2016, p. 86).

Essa característica do que denominamos enquanto Natureza-Divina, a ser analisada neste artigo por meio da fonte histórica *A dança cósmica das feiticeiras*, é fruto de uma visão globalizada movimentada pela contracultura e cheia de presentificações de passado que passam a ser ressignificadas para um contexto específico, estimulando ainda hoje novos leitores e leitoras. Diferente de Gardner (2019), Mirian Simons (Starhawk) definiu a bruxaria em quesitos mais globais e menos nacionalistas, o que fortalece a tese de uma Natureza-Divina intensificada pela presentificação dos mitos antigos como alegorias transtemporais que se conectam com a experiência planetária.

Considerando, portanto, os pressupostos até aqui expostos, a partir deste ponto, apresentaremos como as mitologias antigas utilizadas por Starhawk produziram discursos de presença da natureza e passaremos para a análise da Natureza-Divina manifestada enquanto alegoria dos mitos antigos no neopaganismo de Starhawk.

A Natureza-Divina e a presentificação dos mitos antigos

A natureza é um mistério profundo que estimula perguntas, espantos, admiração e contemplação e passa a ser movimentada pelo ser humano em suas narrativas, pela ciência, pela arte e por inúmeros outros campos. Um dos estímulos principais parece remeter aos mitos, a ideia de que o ser humano sente a natureza principalmente em quesito interior e por meio da sensibilidade, permitindo se reconhecer como parte dela e não enquanto algo que está além e que é diferente. A mitologia antiga promulga ao ser humano à experiência de sentir o mundo dentro de si por meio de uma ligação que conecta o seu ser com a natureza. É por meio dessa conexão mitológica que o ser humano conhece e transmite seus sentimentos, vontades e medos mais intensos ao estimular sensações profundas.

As deusas e os deuses resplandecem conexões com a natureza e assumem formas que alegorizam elementos naturais e divinos, que estão além do tempo, já que são caracterizados pela sua imortalidade. Além de ter sido produzida enquanto uma forma de explicar os fenômenos naturais, a mitologia deve ser entendida como uma maneira de experiência de vida e de mundo, como uma forma de sentir o acontecimento da vida (CAMPBELL, 1991). A mitologia é compreendida, neste artigo, enquanto uma relação de narrativas e imagens mentais que tem como fruto a inspiração profunda do ser que experiência o significado do todo deste universo, sendo, então, uma experiência de vida interligada a ele, de forma espiritual e criativa. Nesse quesito, a natureza é fundamental já que toda coisa que existe faz parte dela.

No entanto, as sociedades compreenderam a natureza de diversas formas. Em alguns mitos antigos e medievais, a relação com o meio natural era de congruência, de aspectos salientes no microcosmo que poderiam ser encontrados no macrocosmo, enquanto uma ligação cósmica (criação divina, nascimento, morte e renascimento). O mundo celestial, as estrelas e os planetas eram compostos por elementos presentes no ser humano, nos animais e nas coisas do mundo, comunicando-se com eles. O corpo humano e as coisas do mundo eram identificados como um pequeno universo cheio de vestígios sobre a sabedoria divina.

Esses aspectos poderiam estar presentes em tudo o que existe como pedras, animais, plantas, humanos, montanhas, rios, vulcões, dentre outros. Na Idade Média, por exemplo, era comum produzir obras com reflexões neoplatônicas que tentavam visualizar a revelação do divino nas coisas do mundo como um reflexo em um espelho, algo de divino que transparece o objeto e o ser vivo, ambos em consonância. Foi quando surgiram os *Bestiários* ou *livro das bestas* e as “enciclopédias” ou sùmulas medievais que relacionavam os elementos existentes no mundo com as obras divinas, principalmente com categorias bíblicas, célticas e greco-romanas (COSTA, 2018). Porém, a Antiguidade

ainda saltava temporalmente e estimulava o pensamento medieval por meio do neoplatonismo, da filosofia segundo a qual o mundo é cheio de elementos divinos que deveriam ser revelados ao ser humano. Essa filosofia foi frequente na Antiguidade Tardia e no medievo, com Agostinho, Isidoro, Guilherme de Lorris, Brunetto Latini e Dante Alighieri (COSTA, 2018).

Tal forma de pensar permitiu a convivência imaginativa de imagens bíblicas com imagens de mitos antigos, ou seja, de conhecimentos que deveriam ser pensados e estudados para se compreender a realidade em que se encontravam. Diante desse raciocínio, formam-se os seres híbridos, animais dotados de várias espécies em um único corpo ou de temporalidades múltiplas que se revelam em seu ser, sendo conectados por acontecimentos, personagens e eventos antigos (COSTA, 2020), que começam a ser inseridos em vários âmbitos do medievo como em igrejas, praças, livros e no imaginário de mundo. Para o neoplatonismo medieval, dragões, centauros, minotauros, harpias possuíam um sentido último que era divino e transmitia uma revelação alegórica sobre o comportamento, sobre deus e sobre o mundo.

Antes deles, na Antiguidade havia deuses antropozoomórficos, ou seja, visualizados enquanto um corpo permeado por características físicas de ser humano e animal, às vezes, até mesmo de plantas. No Egito Antigo e na Suméria, havia mitologias que interligavam os mundos dos animais com o ser humano, demonstrando uma conectividade com a natureza, como é o caso de deuses e deusas como Hórus, Sekhmet, Thot (DAVID, 2011) e na Mesopotâmia com Inanna e Tiamat (BRANDÃO, 2019). A correspondência entre uma divindade e a natureza era comum aos mitos e passa a ser problematizada pelas religiões monoteístas.

O cristianismo pós-reforma protestante distancia essa conexão entre natureza e divindade e promove a mensagem de um deus antropomórfico que só pode ser alcançado pela oração e pela prática da moral cristã com intuito de ascender ao Paraíso. A natureza passa a ser um instrumento a ser utilizado pelo ser humano. A ideia da criação divina ainda existe, mas a relação com o futuro escatológico e a busca do Paraíso se torna um forte indício de uma natureza que não está diretamente relacionada ao ser humano e de um deus que é patriarcal, homem, e que não pode ser encontrado no ser, mas fora dele. A ideia de uma natureza que não é o deus judaico-cristão está presente na Bíblia após a criação do mundo e no momento em que ele decide criar o homem: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra” (Gn, 1 - 26). Sendo assim, na religião cristã, a natureza pode manifestar ideias estéticas que demonstram todo o poder de criação do divino, mas não carrega em si a sua imagem.

Dessa forma, o neopaganismo apresentado na obra *A dança cósmica das feiticeiras* remete a um contexto no qual a natureza ganha importância novamente e passa a ser o centro para se pensar as relações religiosas e humanas. Os usos do passado antigo são promovidos para conectar essa natureza às divindades antigas, como se os nomes de acesso a cada uma delas fosse direcionado para um mesmo ser, aquele que existe dentro de cada uma das pessoas, das coisas, dos seres vivos: o consorte deus e deusa, a natureza em si. O contexto histórico em que o neopaganismo é produzido reforça essa forte consideração e reflexão sobre a natureza propriamente dita, pois “As nossas escolhas tanto individuais quanto coletivas podem modificar a forma como o mundo é visto e vivenciado ou como nos entendemos enquanto seres interdependentes de toda a vida que nos circunda” (SILVEIRA; COSTA; SAGREDO, 2019, p. 75). Assim, vejamos como Starhawk (1993) apresenta a natureza enquanto uma alegoria transtemporal que tenciona as presentificações do passado antigo com o momento de produção da narrativa e a direciona às figuras das divindades.

Em *A dança cósmica das feiticeiras*, diversas são as passagens que se utilizam do passado antigo para promover a ideia de uma crença muito antiga que estava sendo praticada antes mesmo do desenvolvimento das primeiras sociedades urbanas da Antiguidade. Essas crenças são difíceis de pontuar historicamente, mas a autora utiliza da narrativa para fortalecer esse envolvimento cultural, concedendo legitimidade ao discurso religioso e promovendo a ideia de uma “velha religião” que fora violentada durante o estabelecimento do patriarcado: “Na Grécia, a deusa, em suas variadas aparências, ‘casou-se’ com os novos deuses, resultando no Panteão Olímpico. Nas Ilhas Britânicas, os celtas vencedores adotaram vários aspectos da Antiga Religião, incorporando-os aos mistérios druidas” (STARHAWK, 1993, p. 22).

A deusa é o ponto central de sua obra, principalmente para atrelar a ela o papel de uma existência muito anterior que estaria sendo praticada por meio da religião ou dos aspectos religiosos pertencentes à pré-história. Para Starhawk (1993), a feiticeira se movimentara e resistira para ser reconhecida por outras pessoas ao garantir a sobrevivência da deusa, sendo o resultado do que será conhecido como Wicca, “Essa forma de bruxaria irá se ramificar em práticas mais voltadas para o culto a Deusa na forma do que é conhecido no neo paganismo como *Goddess Orientation*” (TERZETTI FILHO, 2016, pg. 22). A terminologia utilizada para caracterizar a bruxaria seria a Wicca ou Wicce, que para Starhawk significa “curar ou moldar”, ou seja, “aqueles que podiam moldar o invisível de acordo com suas vontades” (STARHAWK, 1993, p. 22). Dessa forma, a terminologia “bruxa” ainda é adotada pelos praticantes por meio da justificativa de que recupera,

o nosso direito, como mulheres, de sermos poderosas; como homens, de conhecer o feminino presente no divino. Ser uma bruxa é estar identificada com nove milhões de vítimas do fanatismo e do ódio e de sermos responsáveis por moldar um mundo no qual o preconceito não faça mais vítimas. (STARHAWK, 1993, p. 25)

O papel de uma religião que se renova diante dos problemas, contextos e das ações é um dos fundamentos apresentados. Na obra, afirma-se que a religião da deusa, atualmente, poderia ser denominada como “nova”, pois experimenta um momento diferente e exige o despertar de uma renovação frente a imagem da deusa que garante legitimidade e representatividade ao poder feminino. Em todos esses pontos é possível reconhecer o papel político desempenhado pela autora, principalmente em um momento histórico em que as mulheres pedem por direitos iguais, por reconhecimento de seu ser enquanto ativos e livres. A “Religião da Deusa” é um fenômeno religioso produzido em um contexto específico que tangencia as relações da contracultura, do feminismo e da ecologia. No caso, a Natureza-Divina é o alicerce que direciona a alegoria de temporalidades percebida em Starhawk (1993), ou seja, nela é possível visualizar a confluência de temporalidades antigas que são ressignificadas por meio de uma luta ativa e pela contemplação da natureza enquanto um ser vivo, enquanto uma divindade, ou seja, uma deusa. Podemos seguir as ideias de Benjamin (1984), ao afirmar que o alegorista ou historiador busca pensar algo de um contexto outro que não o seu, identificando as ambiguidades e a multiplicidade de sentidos do elemento investigado, o que pode ser percebido na alegoria da Natureza-Divina emergenciada pela figura da deusa ou deusas, do deus ou deuses, dos cinco elementos e da roda do ano.

No capítulo segundo *A Visão de mundo da feiticeira*, Starhawk narra o mito de origem da criação do mundo por meio da existência primordial da grande deusa, que ao fazer amor consigo mesma gerou “Míria, a Magnífica”. Consoante os eventos aconteciam, Míria se tornava mais masculina conforme se afastava da deusa. Primeiro se tornou o deus azul e depois o deus verde, das vinhas, da terra, o espírito da germinação. Depois dessas etapas, tornou-se o deus caçador.

O Deus da Wicca apresenta vários dos atributos dos antigos deuses da fertilidade: os chifres, a natureza selvagem, a sexualidade, a associação com a morte e com o renascimento, entre outros. Ele é patrono da embriaguez como Dioniso, assegura a abundância dos frutos como

Freyr, ronda o leito dos mortos como Cernunnos. Mas, sobretudo, ele é o consorte da grande deusa, a sua contraparte. (OLIVEIRA, 2008, p. 29)

A figura do deus é libertadora e reconhece o aspecto animal que reside em todos os seres. Sua mudança de caçador para caça e os paradoxos de morte e renascimento, de filho e amante, modulam uma representação da natureza germinadora e do estado móbil de todas as coisas. Assim como a passagem de Míria, a Magnífica, para sua persona masculina. Ao contrário da mitologia cristã, há um movimento de nascimento do mundo e do cosmos por meio de deusas femininas, das quais provém o masculino. A deusa gera Míria a partir de si mesma, e esta se transforma no deus caçador. Encontra-se, alegoricamente, nesse mito de origem, a ideia de que o feminino emancipa e inaugura o masculino por meio do envolvimento da deusa consigo mesma. Starhawk (1993) insere em seu mito a compreensão de um mundo que se transforma por meio do feminino, um movimento de mudança esperado para que ele seja reconhecido, empoderado e sacralizado em sua religião, no mundo político e no meio social. Por isso, o movimento de mudança é um dos pontos ressaltados por Starhawk quando descreve a cosmogonia dos seres e do mundo: “Com o tempo, todas as coisas ‘fixas’ se dissolvem, apenas para se fundirem novamente em novas formas, novos veículos” (STARHAWK, 1993, p. 34).

Dessa maneira, se as coisas “fixas” se modificam com base nas novas formas, podemos verificar a presença das reminiscências de memórias antigas que ainda estão presentes em tudo o que existe, como se o passado estivesse presentificado no instante de reflexão. O mito salta temporalmente e se alegoriza na existência, sendo identificado com base na forma da Natureza-Divina, a qual passa a transbordar as possibilidades de contato com o seu íntimo, principalmente, por meio dos deuses e deusas antigos. Essa ressignificação de passado presentifica o mito e o restaura em um contexto diverso de sua produção original, sendo um dispositivo de memória que instaura a alegoria e a presença enquanto modelo eterno que sofre modificações sem deixar sua ideia anterior cair no esquecimento. A mitologia antiga é utilizada para compor a narrativa mítica de Starhawk (1993) com a intenção de legitimar e de restaurar a figura do feminino cultuada pelos antigos, conferindo à sua religião um movimento dotado de representatividade feminina. A Natureza-Divina provém da deusa e é movimentada pela necessidade do poder feminino e masculino, presentificada nos rituais das estações do ano e das fases da lua.

Nessa visão da Natureza-Divina existe uma correspondência entre tudo o que existe como se fosse uma interdependência de forças que interagem e permanecem em movimento. Para Starhawk (1993), existem duas formas de consciência que transmitem essa correspondência, a comum e a extraordinária. A primeira compreende o mundo

como algo fixo, imóvel, que deve ser observado, compreendido, quase como uma *cultura de sentido* exposta em Gumbrecht (2010). A segunda consciência é mais holística e busca compreender a ligação entre o macro e o micro, ou seja, o local em que o caminho mágico é construído e despertado, pois é nessa consciência que se revela a presença do “jogo de rumos entrelaçados e a dança das sombras, sentindo caminhos como espaços no todo” (STARHAWK, 1993, p. 34). Esse caminho é denominado pela autora como “despertar da luz das estrelas”. As estrelas seriam lentes para se enxergar o divino do qual elas são parte.

Starhawk (1993) defende que a consciência extraordinária parte do inconsciente e deve ser percebida de forma lenta, já que seus estímulos são pouco “ensolarados”. Para compreendê-los é necessário se jogar no abismo do inconsciente e se conectar com o seu íntimo, onde residem os desejos interiores e as criaturas desconhecidas. Essa forma de conexão pode ser encontrada nas mitologias antigas, principalmente nas narrativas de descidas ao submundo, aos infernos. Inanna⁸, por exemplo, é uma deusa suméria que desce aos infernos para tentar reinar em ambos os mundos, na superfície e abaixo. Lá ela se depara com Ereshkigal, sua irmã, que a mantém nos infernos até que alguém seja escolhido para substituí-la (LEICK, 2003). Alguns juizes do inferno (os sete *Anunaki*), a retiveram e exigiram que ela encontrasse um substituto. Os *Anunaki* a acompanham até a superfície terrestre e Inanna percebe que Dumuzi, seu esposo, não havia sentido sua falta e reinava na superfície em seu lugar. Por conta disso, ela decide entregá-lo a Ereshkigal para substituí-la no inferno (BRANDÃO, 2019). Ao descer aos infernos, Inanna descobre a revelação e a sabedoria ao encarar a si mesma na descida ao submundo. Esse é apenas um exemplo de narrativa mítica que descreve a descida ao submundo, a qual pode ser encontrada em outras narrativas míticas como na *Eneida* de Virgílio, na *Divina Comédia* de Dante Alighieri, no mito de Orfeu e no mito de Osíris.

O mito de criação descrito na obra enfatiza o papel da água enquanto primordial no nascimento do mundo. A função central é atribuída à figura divina da deusa ou deus, já que a unidade primeira não era dividida, mas única. Essa interpretação de Starhawk atribui às antigas deusas do mar o papel de nascimento na medida em que são associadas à figura da umidade, da água, do ato de um universo que “nasceu, não-feito e não ordenado para ser” (STARHAWK, 1993, p. 39). Este elemento da natureza é o primeiro a ser criado de acordo com o mito de origem narrado pela autora, sendo um veículo para as demais entidades e seres vivos do mundo. Esse aspecto é atribuído ao não-ordenado, ao não-previsto, ao momento em que o todo passa a tomar forma pelo simples ato de

⁸ Mencionada por Starhawk em alguns dos rituais elaborados em sua obra, mas com o nome acadiano Ishtar (STARHAWK, 1993, p. 48-90-93).

nascer da água e para ela. A natureza é o primeiro pulso do grande espetáculo do vir-à-ser.

O deus pode ser inter-relacionado à figura de Cernunnos, deus pré-celta, que é alegoria da fertilidade e patrono da caça. Essa presentificação do passado é transmitida pela forma do deus que é representado como “Galhudo” ou “Cornudo”, sendo também possível associá-lo à Roda do Ano, como aquele que é caçador ou caça, “os estudiosos se referem a Cernunnos como ‘o Senhor dos animais’ ou ‘o Senhor das Coisas Selvagens’ [...] Ele era o deus da fertilidade e da abundância e também o patrono da caça para os celtas antigos” (OLIVEIRA, 2008, pg. 20). A deusa é alegorizada transtemporalmente por meio de nomes referentes às deusas antigas como Deméter, Hécate, Diana, Atena, Ceridwen, Ishtar ou Inanna, Ísis, Danu, ou seja, nomes retirados “de várias culturas, os quais não são entendidos como seres isolados, mas como diferentes aspectos do mesmo ser, que é todos os seres” (STARHAWK, 1993, p. 86).

Destarte, todos os seres são reflexos do mundo e das características humanas, eles compreendem em seu íntimo toda a existência por meio da sua ligação com tudo o que existe. Para Starhawk (1993), todas as coisas são uma só em sua individualidade e, também são únicos em sua totalidade. Para refletir sobre esse aspecto é elencada a alegoria do espiral, um movimento intenso de tudo o que existe em sincronia e compondo a mesma energia que existe em cada objeto e ser. Diante disso, podemos refletir sobre o método alegórico pensado por Benjamin (1984) no meio estético, na atividade artística, sendo possível de operacionalizá-lo no mito, o qual demonstra o movimento da diversidade cultural e das relações humanas (COSTA; ZDEBSKYI, 2017).

Nesse sentido, o desejo pela ligação com o todo é o desejo do reflexo que a deusa sente por si mesma, como a força criativa do universo, de onde tudo passa a vir à existência. Para chegar a isso, Starhawk (1993) se legitima pelo discurso da psicologia e da psicanálise por meio da compreensão do *self*. O *self* profundo, o inconsciente, se destaca na percepção do nascimento da natureza, do papel de exaltação dela e da conexão promovida pelo ritual realizado através do êxtase promovido pelo mito, pela arte, pela poesia, ou seja, por narrativas ou imagens artísticas que reverberam o movimento intenso das temporalidades estimuladas pelo inconsciente profundo, que se manifesta na construção artística. Esse sentimento do êxtase é proporcionado pela “música das esferas” (STARHAWK, 1993, p. 40).

Sendo assim, as águas produzem a sintonia de composição do que será a existência, a qual acontece pelo desejo, pelo amor, pela vontade de se sentir vivo. Para justificar essa afirmação, Starhawk (1993) direciona a sua narrativa a uma figura mitológica antiga, Eros, que em sua interpretação, é o amor pessoal direcionado ao indivíduo. Essa relação do amor com o individual se baseia nas teorias de Joseph

Campbell sobre o desejo sexual indiscriminado que provém de Eros. Campbell (1991) ainda salienta que esse sentido do amor pela natureza transmite a ideia de sua preservação, o que seria o princípio da origem da “Grande Deusa”. Em Starhawk (1993), o uso da mitologia antiga demonstra o sentido principal do vir-à-ser, do amor enquanto paradoxo primordial.

Para a autora, esse aspecto pode ser lido na natureza, no mundo. A lua, por exemplo, manifesta a Natureza-Divina por meio da sensação de encantamento o que ao lado do “deleite no mundo natural é a essência da bruxaria” (STARHAWK, 1993, pg. 40). A figura da lua sintoniza inúmeras temporalidades que saltam por meio de sua imagem e realçam as visões de mundo, principalmente em relação ao encantamento, ao se sentir parte do que se vê. Essa sensação de admiração do astro é humana e existe em inúmeras mitologias antigas que encaram a lua enquanto um deus ou uma deusa. Por meio do conhecimento de Starhawk (1993), é visível que a lua presentifica vidas antigas e a Natureza-Divina do nascimento, que se reflete na água do mar como se fosse a deusa encarando a si mesma no momento do desejo, do amor e, conseqüentemente, do nascimento da existência. A lua, o sol, as estrelas e as estações do ano garantem uma atividade de experiência estética intensamente vivenciada por Starhawk ou por um adepto, o que confere a esses sujeitos uma produção de presença que promove a vivência de uma realidade, tornando-a tangível por meio do rito e da experiência praticada (GUMBRECHT, 2010).

Assim sendo, esse ciclo é determinado pela procura do deus pela deusa que ocorre durante as estações do ano, no fenômeno conhecido como Roda do Ano. Esse fenômeno é organizado em oito *sabbaths* (roda do ano das estações e dos meses intermediários) e treze *esbaths* (ritual que celebra as luas cheias) que estão sintonizados com as estações do ano e as luas cheias que sinalizam os atos de semear, colher, florescer, morrer e renascer. A Natureza-Divina é alegorizada nesse quadro ritualístico, de celebração do ciclo da natureza, recomposto pelo neopaganismo que demonstra o salto temporal dos mitos antigos recuperados pela vontade da sintonia do ser humano com a natureza. A Roda do Ano é uma das alegorias transtemporais da Natureza-Divina em que a deusa e o deus são caracterizados em aspectos multicausais.

Os *sabbaths* são os festivais que celebram o mito da roda do ano. São eles: os equinócios e os solstícios, que marcam a trajetória do sol pelo céu. E os outros quatro ocorrem em datas fixadas exatamente em meses intermediários aos primeiros, e celebram o ciclo agrícola da terra, marcando a semeadura, o plantio e a colheita. Os nomes dos *sabbaths*

podem variar de acordo com a Tradição (BEZERRA, 2010, p. 114).

Conforme a Roda do Ano, o deus é presentificado como a criança que nasce no inverno, momento em que os raios de sol têm sua incidência diminuída. Na primavera, o deus é semeador e semente, que germina conforme a luz do sol se intensifica aos poucos, sendo a figura do deus verde que sinaliza os novos nascimentos, novos brotos (STARHAWK, 1993). O verão é o momento de maior incidência dos raios de luz solares, quando o deus e a deusa unem-se em sua paixão. O sacrifício do deus acontece conforme a luz do sol fica mais fraca, momento em que a morte se aproxima e ele se enfraquece. Nesse instante, os grãos são colhidos e o deus se sacrifica. A deusa acolhe o seu sacrifício na terra, para onde tudo retorna (STARHAWK, 1993). Em seu ventre ele aguarda para renascer. Sua sepultura e acolhimento é o útero que lhe dará o renascimento. Todo ano, então, o ciclo termina e se reinicia, “Em concepções anteriores, esse ciclo – que prossegue, indo da deterioração ao surgimento de uma nova vida – constitui um símbolo da regeneração contínua da natureza” (OLIVEIRA, 2008, pg. 19).

Essa narrativa elaborada por Starhawk faz parte de diversas religiões neopagãs, principalmente em outros eixos da Wicca. É notável a relação entre o sol, a terra e a lua no constante movimento das estações do ano. Eles são compreendidos como presenças espiritualizadas de um todo que promove o nascimento e o renascimento por meio do ato de semear, de se sacrificar e de renascer. Todos mudam e passam a inaugurar novos momentos que, ciclicamente, retornam todos os anos. Essa natureza é compreendida como divina pelo seu movimento constante de nascimento e renascimento, assim como pela sua intensidade de manter a atividade da vida e da morte em todos os seres que existem no mundo. Ela é suprema e se divide, conforme é descrito por Starhawk quando salienta a distância entre a deusa e Míria, seu outro *self*, que se projeta e se afasta periodicamente, tornando-se o masculino (STARHAWK, 1993).

A alegoria transtemporal é verificada na imagem da deusa e de seu consorte, o deus, quando ambos são apresentados nesse movimento de mudança anual. Na figura do “deus cornudo”, que representa a fertilidade, encontramos diversas figuras arquetípicas presentes nos mitos antigos como “o Cernunnos (pré-celta), o Freyr (nórdico), ou ainda, o Dioniso (greco-romano)” (OLIVEIRA, 2008, pg. 19). Diante disso, as mitologias antigas também apresentam esse envolvimento com a natureza ao direcionar sensações que serão percebidas na atividade das divindades, como é o caso de Deméter, Perséfone e Hades na mitologia grega, deuses e deusas que são mencionados por Starhawk (1993) em rituais de homenagem à deusa. Ou no caso de Diana, que é bastante utilizada no discurso

de Starhawk (1993)⁹. Esse passado antigo se aglutina com as ideias do neopaganismo e lhe confere movimento, sendo, então, presentificado sob novas ideias e compreensões de mundo. A produção de presença de tais passados, como é o uso dos nomes de deuses e deusas antigos, permite um choque de temporalidades tensionadas no presente, existindo referência a um antes e um depois que desconstrói a ideia da linearidade e promulga a diversidade de mitos e tempos que se entrelaçam (GUMBRECHT, 2010).

Para salientar as suas descrições, Starhawk utiliza a obra *The Golden Bough (O ramo dourado)* de Sir James Frazer. Nela estão descritas e analisadas algumas narrativas mitológicas como a do deus dividido em gêmeos triviais, o Filho da Estrela e a Serpente, que disputam o amor da deusa. Além disso, Frazer se preocupava com a influência dos ritos e mitos antigos na Idade Média (LANGER; CAMPOS, 2007). Para a autora, essa descrição mitológica é muito análoga ao rito neopagão mencionado acima. O sacrifício do deus para a sobrevivência da deusa é um fenômeno essencial da narrativa. Ambos são demonstrados enquanto entidades sintonizadas entre si, que dependem da união e da individualidade para que tudo se mova e continue em sua ordenação. A Natureza-Divina é manifestada em toda coisa existente como parte que compõe o todo, ou seja, alegorias da deusa e do deus. A Natureza-Divina é identificada pela autora como tudo o que existe, como as “plantas, animais, pedras e estrelas – são viventes, são, em algum nível, seres conscientes. Todas as coisas são divinas, sendo manifestações da Deusa” (STARHAWK, 1993, p. 43). Para a autora, aquilo que morre permite que algo sobreviva e que renasça, a morte e a vida estão em uma relação profunda de amor.

A visão da morte narrada em *A dança cósmica das feiticeiras*, é composta pelo elemento do sacrifício, “o deus escolhe se sacrificar a fim de permanecer na órbita da Deusa, dentro do ciclo do mundo natural e da união primordial e extática que cria o mundo” (STARHAWK, 1993, p. 44). Essa alegoria remete aos ritos mitológicos que verificam a condição humana do morrer como aquilo que promove o renascer da vida e da sua continuação. Edgar Morin (1997) salienta que a morte é um dos principais acontecimentos da vida e que por meio dela se manifesta a condição humana última, o ato de morrer. A arte é o mecanismo em que a morte e o seu movimento de intensidade podem ser compreendidos em níveis profundos, sendo os mitos capazes de ensinar como se relacionar com a condição humana da morte (SILVEIRA; COSTA; SAGREDO, 2019). Na obra analisada, a natureza é o fenômeno que promove esse conhecimento, o mito é a inspiração de conexão e o rito a ação do êxtase. O sacrifício é, então,

⁹ Para Starhawk (1993, p. 86), “os nomes externos frequentemente utilizados são Diana, para a deusa da lua e Aradia, sua filha, que, segundo as lendas, foi enviada à terra para libertar as pessoas através dos ensinamentos das artes da magia”.

apresentado como a morte necessária para que a natureza continue a promover a vida. O deus se sacrifica para que a deusa o gere novamente e se rejuvenesça.

Com o objetivo de definir a ideia de sacrifício da Feitiçaria, Starhawk demonstra que não há um sinal ou envolvimento de autopiedade, mas de orgulho, sem ter de se colocar de forma submissa a um poder externo mantido por outra pessoa. Para isso, o sacrifício de Mettus Curtius (Marco Cúrcio) é utilizado para fazer uma relação entre as ideias. Presente na obra de Tito Lívio, *História de Roma*, Marco Cúrcio se sacrifica para salvar Roma de sua destruição: “O momento do sacrifício se aproximava. Cúrcio direcionou-se, bravamente, ao seu cavalo, ricamente ajaezado; montou-o; correu até o abismo, onde lançou seu corpo com todas as suas armas, conforme pedido dos deuses” (CORDÃO, 2018, p. 247). A utilização desse exemplo para comparar com o rito da morte do deus demonstra a ideia de um sacrifício necessário para a continuidade da vida, algo que é elencado por Starhawk.

A Natureza-Divina na Feitiçaria de Starhawk presentifica o passado antigo (GUMBRECHT, 2010) por meio de suas relações com os mitos e ritos, que são ressignificados pelo contexto em que foram relidos e praticados. O deus e a deusa são alegorias transtemporais de divindades antigas manifestadas em sua imanência na natureza, em seus constantes movimentos cíclicos, como no caso da Roda do Ano, no símbolo da Lua, do Sol, da terra, da água, dentre outros. A Natureza-Divina é o elemento em que tudo se entrelaça e se aglutina para ser celebrada e reconhecida na magia ritualística presente na narrativa de Starhawk.

Considerações finais

Portanto, diante do objetivo proposto é possível perceber a relação existente entre a natureza, o deus e a deusa do neopaganismo ou da Feitiçaria esboçada por Starhawk. A Natureza-Divina, ou seja, a compreensão de que ela é a força cósmica das divindades e, por isso, garante o grande processo de criação, morte e renascimento, é considerada sagrada e essencialmente divina. A expressão conceitual Natureza-Divina foi utilizada para que se pudesse entendê-la enquanto uma entidade deificada, isto é, nascida da intensidade cosmogônica do universo. Isso sinaliza que, na Feitiçaria de Starhawk, a natureza não é considerada uma categoria que divide ser humano e mundo natural ou que divide natureza e divindade, para a autora, todos fazem parte de uma mesma existência e força primordial.

No mito de origem narrado em *A dança cósmica das feiticeiras*, é explicada essa sintonia entre o deus e a deusa assim como no nascimento da deusa dentro de si mesma para, então, fomentar a sua divisão em Míria e depois em deus masculino. Todo esse processo atesta para uma natureza que é presentificada enquanto reminiscência de

eventos primordiais e, portanto, mitológicos e eternos que são apresentados por meio de alegorias transtemporais, ou seja, de usos do passado de deuses, deusas e eventos presentes em mitologias antigas que instauram sentidos e presenças a serem manifestados pela prática religiosa exposta na obra de Starhawk. O uso do passado antigo é presentificado para demonstrar que a natureza carrega acontecimentos presentes em mitologias antigas e, com elas, é possível sentir e contemplar os seus mistérios mais profundos.

A presentificação dos mitos antigos em *A dança cósmica das feiticeiras* é um exemplo dos usos do passado praticados pela sociedade. Esses mitos são experiências de vida que rememoram os atos dos entes primordiais (ELIADE, 2018), das entidades, de deusas e deuses e de contextos históricos. Essas narrativas míticas e o poder das deusas salientam a importância da mitologia para a compreensão do ser, da natureza e da relação entre a vida e a morte. Além disso, a natureza pode ser utilizada como força criativa, artística e mítica para os movimentos políticos atuais, dentre eles o feminismo e a preservação do meio ambiente, que são apresentados por Starhawk (1993) enquanto pilares de sua atuação religiosa.

Para Starhawk (1993), a possibilidade de se denominar enquanto bruxa e de pertencer a uma “religião da Deusa” confere uma energia que promove a resistência diante da dominação de um sistema econômico não ecológico que está na contramão da preservação do meio ambiente, promove também resistência diante do patriarcado, por meio da lembrança da força e da memória de mulheres enquanto divinas, deusas que são manifestadas por meio da relação da Natureza-Divina. Esse modelo religioso dá espaço para a história daquelas mulheres que foram violentadas, mortas, subjugadas a um modelo de poder masculino, ou seja, lhes confere uma chance de sentir a vida que fora tirada delas, dando voz ao seu silêncio.

Nesse sentido, a Natureza-Divina é identificada na forma como as deusas e os deuses são compreendidos como parte do universo físico e que atesta formas de identificação a serem manifestadas ao ser humano por meio de comportamentos e mudanças causadas pela impermanência constante da natureza. Para Starhawk, a deusa é a manifestação primeira, sendo uma força espiritualizada que permite às mulheres criarem um sentimento de pertencimento, sentindo-se importantes no fenômeno da religião da deusa. Diante da análise da obra, os mitos antigos são utilizados enquanto terminologias e significados a serem aglutinados em um sentido único e heterogêneo, que atua na identificação do ser humano com o universo, sentindo o tecido do universo enquanto um conjunto interdependente que age em cada forma de vida por meio de ciclos identificados pelos antigos e que ressoam na prática da religião de Starhawk, na Roda do Ano, na identificação da deusa, do deus e nos elementos da natureza.

Bibliografia

- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BEZERRA, Karina Oliveira. Neopaganismo e Wicca. In: ARAGÃO, Gilbraz; VICENTE, Mariano (Orgs.). *Espiritualidades, transdisciplinaridade e diálogo*. Recife: Observatório transdisciplinar das Religiões no Recife, 2015.
- BEZERRA, Karina Oliveira. *Paganismo contemporâneo no Brasil: a magia da realidade*. Tese de Doutorado apresentada para obtenção do título de Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. 2019.
- BEZERRA, Karina Oliveira. Conhecendo a Wicca: princípios básicos e gerais. *Paralellus*, ano 1, n.2, 2010. p. 99-118.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRANDÃO, Jacinto Lins. *Ao Kurnugu, terra sem retorno*: descida de Ishtar ao mundo dos mortos. Curitiba: Kotter, 2019.
- BURTON, Judd H. *The adaptation and function of myth in a neopagan congregation*. Dissertação de Mestrado para obtenção do título de Mestre em Artes pela Graduate Faculty of Texas Tech University, 2004.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- CORDÃO, Michelly Pereira de Sousa. Escrita e oralidade, uerus e uerus similis: a memoria rerum gestarum de Tito Lívio. *Revista de Teoria da História*, vol. 19, n.1, 2018. p. 246-278.
- COSTA, Daniel Lula. O duplo nas visões de mundo do pós-morte medieval: o caso da Divina Comédia. In: SILVEIRA, Aline Dias da; PAOLOZZI, Mariana. *Ser, tempo e espaço*: reflexões interdisciplinares do Medievo. Pelotas: NEPFIL Online, 2018.
- COSTA, Daniel Lula; ZDEBSKYI, J. de F. Alegoria história: uma possibilidade para operacionalizar tempo e espaço na antiguidade e no medievo. *Roda da Fortuna*, vol. 6, n.2, 2017. p. 29-43.
- COSTA, Daniel Lula. Seres híbridos medievais: a revelação figural das harpias na Comédia de Dante. *Saeculum – Revista de História*, [S. l.], v. 25, n. 42 (jan./jun.), 2020. p. 207–221.
- DAVID, Rosalie. *Religião e magia no Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- GARDNER, Gerard. *A bruxaria hoje*. São Paulo: Madras, 2019.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença*: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

- HUTTON, Ronald. *The Triumph of The Moon: A History of Modern Pagan Witchcraft*. New York: Oxford Press, 1999.
- LANGER, J; CAMPOS, L. The wicker man: reflexões sobre a Wicca e o neo-paganismo. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 4, n. 2, 2007. p. 01-21.
- LEICK, Gwendolyn. *Mesopotâmia: a invenção da cidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- LINK, Luther. *O Diabo: a máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- OLIVEIRA, Rosalira dos Santos. The green man e o arquétipo da natureza selvagem. *Ci & Tróp.*, Recife, v. 32, n. 1, 2008. p. 17-32.
- RUSSELL, Jeffery B.; ALEXANDER, Brooks. *História da bruxaria*. São Paulo: Aleph, 2019.
- SILVEIRA, Aline. Dias.; COSTA, Daniel. Lula.; SAGREDO, Raísa. A importância dos Mitos Orientais sobre a morte para a compreensão da Condição Humana. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Ano XI, n. 33, 2019. p. 71-97.
- STARHAWK. *A dança cósmica das feiticeiras: guia de rituais à grande Deusa*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1993.
- SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência: pensando com Isabelle Stengers. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 69, 2018. p. 338-360.
- TERZETTI FILHO, Celso Luiz. *A Deusa não conhece fronteiras e fala todas as línguas: um estudo sobre a religião Wicca nos Estados Unidos e no Brasil*. Tese de Doutorado para obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de São Paulo, 2016.